
O sujeito médio e a personalidade autoritária

The average subject and the authoritarian personality

El sujeto medio y la personalidad autoritaria

Melo, Demétrio Alves de¹ (Fortaleza, CE, Brasil)
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9584-9995>
Braga, Océlio Jackson² (Fortaleza, CE, Brasil)
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9886-2490>
Arrais Neto, Eneas de Araújo³ (Fortaleza, CE, Brasil)
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5919-4554>
Chagas, Eduardo Ferreira⁴ (Fortaleza, CE, Brasil)
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1957-6117>

Resumo

O artigo proposto se dispõe a dar uma parcela de contribuição ao entendimento relacionado à concordância e anuência de uma parte significativa da sociedade aos ideais autoritários. Tomaremos como referencial teórico central os estudos de Theodor Adorno quanto a existência de um potencial autoritário em indivíduos potencialmente voltados a uma personalidade autoritária. Potencial este que serviria de base de sustentação para a difusão e edificação dos ideais de governos de caráter autoritário. Em vista de tal análise a psicanálise coloca-se como instrumento de grande valia ao auxiliar no entendimento da relação entre o contexto social e coletivo vivido pelo sujeito e sua perspectiva ideológica. Estas relações, calcadas no poder da propaganda de massas, irão dar o tom da tendência dos grupos sociais em apoiar o autoritarismo. Consequentemente, para corroborar com esta abordagem, será imprescindível contar com os estudos ligados ao comportamento das massas de Sigmund Freud e Wilhelm Reich.

Palavras-chave: Educação brasileira. Psicologia das massas. Autoritarismo. Educação emancipadora.

Abstract

This paper proposes to contribute with the understanding towards a meaningful part of society's agreement and consent to authoritarian ideals. Our main theoretical framework will be Theodor Adorno's studies on the existence of an authoritarian potential in individuals that are potentially geared towards an authoritarian personality. A potential that would serve as basis for supporting the diffusion and edification of authoritarian character government's ideals. Considering such analysis, psychoanalysis puts itself as an instrument of great value by helping understand the relationship between social and group context lived by the individual and their ideological perspective. These relationships, fundamented on the power of mass propaganda, will set the tone for social groups' tendency to support authoritarianism. Consequently, to corroborate this approach, it will be paramount to rely on Sigmund Freud and Wilhelm Reich's studies on mass behavior.

Keywords: Brazilian education. Mass psychology. Authoritarianism. Emancipatory education.

Resumen

El artículo propuesto se dispone a dar una parcela de contribución al entendimiento relacionado a la concordancia y consentimiento de una parte importante a los ideales autoritarios. Tomaremos como referente teórico central los estudios de Theodor Adorno en lo que se refiere a existencia de un potencial autoritario en individuos potencialmente convertidos a una personalidad autoritaria. Tal hecho servirá de base de sustentación para la difusión y edificación de los ideales de gobiernos de carácter autoritario. En vista de semejante análisis, el psicoanálisis se pone como instrumento de gran valor al asistir

¹ Mestre em Educação Brasileira pela UFC. E-mail: demetriopcr@hotmail.com.

² Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: jackson.coach@hotmail.com.

³ Docente de Graduação nos cursos de Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Letras e Licenciatura em Física, e docente e pesquisador de pós-graduação no PPGArtes/IFCe. E-mail: enneas_arrais@hotmail.com.

⁴ É professor efetivo (Associado 4) do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará - UFC, professor do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da UFC, professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FAGED - UFC e professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente, é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ 2). E-mail: ef.chagas@uol.com.br.

en el entendimiento de la relación entre el contexto social y colectivo vivido por el sujeto y su perspectiva ideológica. Estas relaciones, basadas en el poder de propaganda masiva, darán el tono de la tendencia de los grupos sociales en apoyar el autoritarismo. Como consecuencia, corroborar con este abordaje, serán esenciales los estudios vinculados al comportamiento de masas de Sigmund Freud y Wilhelm Reich.

Palavras-Clave: Educación brasileña. Psicología de masas. Autoritarismo. Educación emancipatoria.

Introdução

A educação brasileira vem sofrendo fortes ataques a sua autonomia e ao seu propósito de emancipação humana com a intensificação do ideal neoliberal na sociedade brasileira. O processo de destruição e reconfiguração da educação em um modelo que possa ser empacotado, vendido e lançado no mercado, tem sido o esforço das classes dominantes há décadas na história do nosso país, tendo por sua vez se intensificado a partir do governo Collor de Melo. A educação brasileira tem sido objeto de mudanças que se fundamentavam à guisa da ideologia da privatização das empresas e serviços públicos (SILVA JUNIOR; SGUISSARDI, 1998).

Decorre que este processo foi agravado por um fenômeno que em si não é novo no Brasil, mas que ganhou força e uma nova roupagem com o apoio das redes sociais. As forças conservadoras e protofascistas que adormeciam no seio da sociedade brasileira, angariaram terreno e espaço com a profusão de narrativas que alimentavam este esteio de indivíduos com ideias que eles queriam e estavam dispostos a acreditar. Assim, estes movimentos foram alimentados pelas contradições e agitações da política brasileira que, ao tornaram-se mais acentuadas a partir de 2013, colimaram para a ruptura institucional em 2016 e o consequente impeachment da governante então vigente (ABRANCHES, 2019).

O elemento principal de nossa análise centra-se no entendimento de como as massas são mobilizadas para um determinado ideal. Objetivando compreender o funcionamento dos aspectos ideológicos que em contato com a “personalidade autoritária”, no conceito de Adorno (2019), se transmutam em força social suficientemente organizada para intentar implantar mudanças de caráter conservador na estrutura educacional do Brasil. O porquê e o como estas ideias passaram a constituir uma sinfonia coerente para tantos milhões de brasileiros é uma das principais questões que tornam esta temática tão pertinente.

É preciso conhecer os elementos que levam as massas a um determinado modo de pensamento e comportamento coletivo, pois destes fenômenos da psicologia das massas, derivam governos e sistemas autoritários que funcionam com o apoio e

conhecimento de suas populações. Mormente, ante a escalada do autoritarismo e da ameaça às instituições democráticas brasileiras e à educação crítica, deveras é necessário desvendar elementos não apenas políticos mas, sobretudo, psicanalíticos que nos forneçam armas de combate a estas ameaças de retorno à barbárie.

A construção social da personalidade autoritária

Platão desconfiara da democracia ateniense em sua obra *A República*. A degeneração popularesca do poder, levariam os governos às distorções e os manteriam presos a uma espécie de pacto com a mediocridade, pois sendo a base para um governo virtuoso o pleno conhecimento da virtude, estaria o povo muito distante de decidir com sabedoria. Ademais, estando a qualidade do discernimento inacessível ao povo que, mergulhado em sua própria ignorância, não seria capaz de discernir o melhor caminho para a pólis, levando-a tragicamente ao colapso moral e social. A sofocracia⁵ proposta por Platão (2000), visava colocar a direção do governo nas mãos dos melhores cidadãos. Estes aptos, os filósofos e sábios, seriam a concretização da crença platônica na incapacidade do povo em reger seu próprio destino. A pólis precisava guiar-se por aqueles que tivessem o pleno entendimento do interesses da sociedade, evitando assim que aquilo que entendemos hoje por senso comum, aviltasse o direcionamento prudente dos filósofos.

Desta mesma ideia platônica, observamos com os exemplos da história, duas realidades, a primeira é que de longe, os governos têm sido dirigidos por filósofos em busca do que seria plenamente justo para todos. Quanto ao segundo aspecto, na medida em que o povo foi ganhando crescente voz participativa, e o fascismo soube explorar muito bem essa oportunidade de popularização da política, constitui-se nessa massa um poder de pertencimento cada vez mais forte a uma causa. Uma questão importante que se coloca, como temia Platão (2000), é quanto a massificação dessa ingerência no poder e o como ela poderia levar os princípios mais nobres da política ao patamar de deturpação de seu pleno entendimento e sentido coletivo. Estaria Platão correto quanto ao risco de degeneração da participação democrática do povo? Teria o fato do poder ter se tornado mais acessível ao povo, responsável pelo sustentáculo de governos atrozés?

⁵ Termo grego que se origina a partir das palavras *sophia* (sabedoria) e *cracia* (governo): ou seja, governo dos sábios.

Ao contrário do que muitos imaginavam, o fascismo estava insepulto. Os temores de Theodor Adorno quanto a sobrevivência do ideal autoritário confirmaram-se no mundo e em nosso país. Evidente que o que hoje se apresenta, está muito distante do fascismo clássico, onde bandeiras nacionais desfilam ao lado de estandartes do movimento em questão, e segundo Paxton (2007), é improvável que sejam copiados à maneira como haviam sido concebidos no século passado. Apesar da baixa possibilidade que o mundo possa vir a testemunhar o nazifascismo do século XX como fora organizado, a sociedade dita “livre e democrática”, conseguiu derrotar o fascismo em guerra, mas não foi capaz de o fazer desaparecer por completo da mente e dos corações de muitos indivíduos. Possivelmente, a própria sociedade dita democrática, não tinha interesse real em dispendiar tempo, energia e dinheiro em seu completo desaparecimento. Como aponta Konder (2009), governos tidos como liberais e democráticos toleraram durante anos a existência de agremiações nazifascistas disfarçadas das mais diversas denominações, na crença de que o fascismo jamais se levantaria novamente com a força que um dia ele possuiu. A negligência ou conivência foi alimentada pelo espírito de que nada parecia ameaçar os pilares da democracia, além da forte crença na vitória inabalável do sistema democrático, que parecia inquestionável com o seu pleno reinado para os países civilizados, segundo Mounk (2019).

Os últimos eventos políticos e os resultados eleitorais que o mundo tem demonstrado, de longe nos provam que a democracia liberal predominante no ocidente seria, nos termos de Juan J. Linz e Alfred Stepan, a “única opção”⁶ para a humanidade e que seu estabelecimento era desta forma, praticamente intocável. A democracia havia se degenerado e o poder que foi dado ao povo, foi paradoxalmente utilizado contra a própria sociedade, levando uma parcela significativa das massas a corroborar com ideias que afrontam os princípios que lhes davam voz. As massas passaram a dar coro e em nome da própria “democracia e liberdade”, atacavam estes mesmos princípios. Os elementos basilares da sociedade passaram a ser ameaçados em nome de algo surreal e deturpado, ou seja, na defesa de um discurso e de uma política que já não se importava em acabar com os fundamentos democráticos, para cinicamente defender a própria democracia. Os princípios que constituem a convivência política foram completamente distorcidos em relação ao que se entende

⁶ Juan Linz e Alfred Stepan, “Toward Consolidated Democracies”, *Journal of Democracy*, v. 27, n. 2, 1996, p. 14 - 33.

por democracia. É possível que a leitura de Platão se demonstre assertiva nesse ponto, observando nossas circunstâncias atuais e o quanto uma parcela nada desprezível das sociedades tem aderido e apoiado líderes que abertamente, não se constroem ao atacar as instituições de representação democráticas de seus respectivos países.

Deveras, Adorno (2019) identificara um aspecto que dava continuidade ao processo autoritário que estava imbricado na própria sociedade e nunca havia se dissociado dela. Com o estudo da personalidade autoritária, foi possível dar um sentido mais consistente à concepção psicanalítica de Freud acerca da massificação de um ideal autoritário, até porquê, é menos provável que o autoritarismo venha a brotar onde não haja terreno propício para ele. A questão central então demonstra que o terreno propício se manteve, apesar do esforço supostamente elaborado pelas democracias liberais remanescentes no pós-Segunda Guerra, de desqualificação do fascismo como projeto social e de governo, como nos atesta Mounk (2019).

Consoante ao alerta de Adorno (1995) de que o nazismo ainda sobrevive, é natural que a potência do fascismo como força política encontre-se latente na sociedade e disfarçada de vários outros espectros políticos. De acordo com esta tese, o desafio mais urgente que a humanidade poderia possuir neste atual momento histórico, centrar-se-ia em reconhecer e identificar as tendências que levaram os projetos de matiz autoritária a chegarem ao poder. Inevitavelmente, será importante compreender que foi construída uma relação de unidade que instava no seio das sociedades europeias do período Entreguerras e esta circunstância, por sua vez, estava ligada ao processo de arremate das massas em sua relação com um líder. É desta força intrínseca do movimento das massas que surge o agente mobilizador de determinados setores em torno de certas ideias, como aponta Le Bon, citado por Freud, ao afirmar que “Há ideias e sentimentos que só surgem ou se transformam em ações nos indivíduos ligados numa massa” (FREUD, 2017, p. 41).

Consequentemente, podemos analisar um primeiro aspecto acerca daquilo que necessariamente se coloca como elemento básico dos movimentos fascistas em particular e autoritários em geral, consubstanciando-se em sua estreita ligação com as massas. Esta simbiose edifica os laços que engendram as relações que vão para além de uma simples ordenação de submissão e obediência, mas tomam consigo um importante sentimento de pertença por parte das massas à ideologia apregoada pelo

líder. Com o retorno dos movimentos autoritários ao cenário da política mundial, não é possível ignorar a insólita posição destes líderes políticos no Brasil e no mundo e a maneira como eles transpõem suas posições para as massas hoje, conforme Mounk (2019). Este processo de transposição das crenças e sua respectiva assimilação por parte das massas, foi uma das questões que mais inquietou Freud, no que ele aponta: “Mas o que é uma ‘massa’, como ela adquire a capacidade de influenciar a vida psíquica do indivíduo de modo tão decisivo e no que consiste a modificação psíquica que ela lhe impõe?” (FREUD, 2017, p. 40). Conforme a perspectiva freudiana, há um delineamento importante na relação do líder para com as massas e destas por sua vez, com os indivíduos que a compõem. Nesta análise, Sigmund Freud parece aproximar-se do entendimento de Gustave Le Bon de que as massas anseiam por controle e admiram um líder forte e autoritário ao ponto de abrir mão da própria liberdade, conforme Le Bon (2018).

Conseqüentemente, o esforço elaborado por alguns pensadores posteriores a Le Bon e a Freud, centram-se na busca de compreender elementos da psicologia social que pudessem elucidar aspectos que perpassam o caráter comportamental das massas quanto aos fatores responsáveis por sua mobilização. Embora muitas lacunas acerca dos movimentos autoritários fascistas ainda estivessem se desenvolvendo à época de Freud e eram inexistentes ao tempo de Le Bon, a psicologia das massas desenvolveu-se e trabalhou arduamente a fim de investigar a natureza de um fato novo em relação a mobilização das massas, que era seus elementos psicanalíticos que serviam de sustentáculo ao fascismo. Por sua vez, nomes como Wilhelm Reich representaram posteriormente, um esforço de entender a adesão das massas ao fascismo por um caminho de análise nomeado de “economia sexual”. Wilhelm Reich empreende um método de compreensão distante da linha tida como ortodoxa e economicista do marxismo vigente, dando lugar a uma interpretação de elementos subjacentes do comportamento coletivo, até então tidos como subjetivos demais para serem dignos de um estudo mais sério.

Ademais, os debates acerca do caráter mobilizador do fascismo, inevitavelmente levaram diversos pensadores a um embate sobre os elementos que, para muito além do materialismo do marxismo clássico, contribuiriam para esclarecer a psicologia das massas. Wilhelm Reich por exemplo, tece algumas críticas à pensadores que em sua perspectiva, não teriam dado a atenção necessária à

movimentos que necessariamente precisariam de uma ótica diferenciada de análise. Erich Fromm seria uma desses autores que segundo Wilhelm Reich, teriam relaxado em buscar uma abordagem mais abrangente da mentalidade que perpetuaria o autoritarismo nas massas, ao afirmar que “Foi sobretudo Erich Fromm quem veio mais tarde a desconsiderar totalmente o problema sexual das massas humanas e sua relação com o medo da liberdade e o desejo de autoridade” (REICH, 2001, p. 204). As críticas apresentadas por Reich à posição de Fromm, parecem não ser de todo justas, haja visto que Fromm (1965) defende a necessária ligação entre os indivíduos e a psicologia dos grupos, sendo essa relação também mediada pelos fatores de caráter sexual. De todo modo, o contributo de Erich Fromm que mais interessaria ao nosso estudo em questão, centra-se no fato de que os indivíduos e os grupos externam mecanismos comportamentais que os fazem sucumbir a autoridade. Este é um fator que, até os dias atuais, podem nos esclarecer algo acerca da sobrevivência de elementos fascistas e a submissão das massas aos seus princípios.

Decerto que, enquanto o estudo freudiano nos esclarece previamente alguns aspectos psicanalíticos da concentração das massas, esta perspectiva nos fornece importantes instrumentos para pensar os fatores de mobilização política das massas que Hannah Arendt irá trabalhar em sua obra acerca dos movimentos totalitários. Dentro desse ensejo, uma simples pergunta se coloca como fundamental para compreender a subsistência dos séquitos autoritários que, voltaremos a investigar de forma mais profunda por base no questionamento: mas o que liga as massas e o que as mantêm unidas? Num prelúdio esclarecedor, Sigmund Freud nos dá uma concepção prévia do que seria a natureza comportamental desses grupos sociais

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula; desprovida de crítica; para ela, o improvável não existe. Ela pensa por imagens que se evocam associativamente umas às outras, tal como ocorre ao indivíduo nos estados do livre fantasiar, e nenhuma instância razoável afere sua correspondência com a realidade. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exagerados. Assim, a massa não conhece nem a dúvida e nem a incerteza (FREUD, 2017, p. 50).

Conforme observado por Freud, as massas são altamente sugestionáveis e creem facilmente em ideologias que preencham o seu vazio crítico. Elas sentem uma necessidade coletiva de acreditar em algo que traga soluções para seus desesperos e anseios, sendo capazes de depositar de forma cega a sua completa confiança a um líder que consiga comunicar-lhes um amor ou ódio específico a algo

ou alguém. A suspensão de seu juízo crítico dá lugar à juízos de valor que concordarão e seguirão cegamente uma ideia, não porquê ela faz sentido e sim porquê de alguma maneira, ela lhe diz e lhe representa algo. O medo de apropriar-se da própria liberdade de pensar por si mesmo e deter o próprio juízo, entrega as massas aos braços daqueles que pretendem dirigi-las e manejá-las de alguma maneira (FROMM, 1965).

Os indivíduos, por sua própria natureza, buscam crer e apegar-se a algo. Entretanto, a força de uma crença aumenta proporcionalmente ao número de pessoas que compartilham de um determinado ideal, pois estar isolado em uma crença para um indivíduo, soa desesperador. Daí que, encontrar um terceiro ou um grupo que compartilha das mesmas ideias, dá fôlego e segurança a quem defende determinados princípios. O sujeito já não se encontra sozinho em seu livre fantasiar, ele agora compartilha com outros as ideias mais racionais. Entre estas pode estar a crença na existência de uma doença qualquer ou a necessidade de extermínio de um determinado povo. Quanto a este último, dizia Freud (2017) que as massas têm o caráter e a capacidade de esconder as ações individuais e, talvez, isto sirva muito bem ao papel de transformar os indivíduos em invisíveis na defesa social da violência, do preconceito ou do totalitarismo, por exemplo.

Sendo algumas das características essenciais das massas estudadas por Sigmund Freud em sua obra *Psicologia das massas e análise do eu*, mobilizadas por inúmeros fatores de caráter sócio-psicológicos, é importante que identifiquemos alguns dos elementos que interpenetram-se entre os indivíduos e os grupos dos quais fazem parte e o como os elementos psicanalíticos individuais, dialeticamente relacionam-se com as influências mobilizadoras externas analisadas por Hannah Arendt em *Origens do totalitarismo*.

O ponto nevrálgico de convergência entre os fatores individuais e coletivos deste processo, nos levam a duas observações que se entrecruzam de forma constante. Uma refere-se ao fato de como as massas se unem e a outra aponta para o elemento que impulsiona-as a um constante estado de mobilização. Para Arendt (2012), não bastaria apenas unir as pessoas em torno de um propósito, é necessário que elas enxerguem nesse ideal um exercício contínuo a ser perseguido sob a liderança de seus respectivos mentores. Quanto ao aspecto relacional do indivíduo

com as massas e os elementos que os unem, fortificam e os mobilizam, analisaremos adiante.

A personalidade autoritária e a simbiose com as massas

Cabe-nos investigar agora, alguns fatores cruciais que alimentam o indivíduo na construção de sua personalidade autoritária, observando o como as massas contribuem na manutenção de um sujeito atomizado e atrelado a uma ideologia e posição autoritárias, na medida em que estes movimentos conseguem alimentar um sentimento de constante mobilização entre os adeptos dos grupos de orientação autoritária. Observamos ser a construção deste tipo de força política diluída no corpo social, responsável por energizar todo e qualquer tipo de posição fundamentada em movimentos desta natureza que visam justamente, desmontar os fundamentos democráticos da educação com a imposição de seus projetos conservadores.

A personalidade autoritária de um indivíduo, por si mesma, não garante a concretização das ações que alguém professa em palavras ou expõe em ideias. Ser possuidor da chamada “personalidade autoritária” não é garantia de levar até às últimas consequências, as atitudes mais vis que um governo de natureza antidemocrática possa vir a fazer. Entretanto, como nos indica Adorno (2019), a personalidade autoritária é um “potencial” e um constante estado de “prontidão” que pode, dependendo das variantes, tornar-se ação efetiva e tendo em vista representar um apoio explícito ou implícito a tais ideologias. Dentro deste processo de relação entre indivíduo e coletivo, de alguma maneira são criadas percepções que preenchem os anseios personalistas do sujeito e de alguma forma, lhes dão voz ao corroborarem com suas impressões de mundo.

Entretanto, junto a uma amplidão de possibilidades e estratégias políticas que os movimentos autoritários pudessem se dispor, a sustentação de tais movimentos estavam intrinsecamente ligados às massas. Desta feita, estando um considerável número de pessoas convencidas do propósito de tal movimento, os incautos, indecisos e covardes, estariam dispostos a no mínimo bradar em defesa de tais ideologias. Apesar de muito das ideias autoritárias estarem envoltas de um vistoso caixilho e até certo ponto, compreensível anseio conservador, os indivíduos mobilizados em torno de um propósito autoritário, agiam não apenas por

convencimento momentâneo, mas por sua “prontidão e disposição” em fazer parte daquela determinada ideologia, como já denotado por Adorno (2019).

Ademais, para que algum indivíduo se dispusesse a defender tais princípios autoritários e sentir-se ainda mais seguro e confortável em sua decisão, é fundamental que este sujeito compartilhe ideias entre seus iguais e possa igualmente contrair os mesmos sentimentos de pertencimento que as massas podem dar aos indivíduos vulneráveis à discursos de caráter politicamente totalizantes. Desta feita, muitos aspectos morais de um indivíduo são aflorados ou escondidos dependendo do apoio social que ele possa vir a ter. Freud afirma que “O núcleo da chamada consciência moral é o ‘medo social’” (Freud, 2013. p. 44), sendo assim, é plausível dizer que incontáveis pessoas na Alemanha nazista tinham plena consciência do que estava ocorrendo no país, tanto aos judeus, quanto a outros grupos que eram sistematicamente perseguidos pelo regime. Decorrente ainda desta tese, como também afirma o mesmo autor ao dizer que “A massa tem o poder de esconder as ações individuais” (op. cit. p. 43), os sujeitos atraídos por este discurso, sentem-se empoderados para agir anonimamente sob a cortina coletiva das decisões e ações arbitrárias.

A massa compele o indivíduo a agir conforme os impulsos reativos aos seus mais diversos sentimentos como o amor, o ódio, a esperança, o medo, a frustração e/ou libido, etc. Seu encorajamento cresce de forma diretamente proporcional ao ímpeto que possui em confluência e simbiose do fervor das massas em vibrante fanatismo. O caráter anônimo que as massas evolvem o sujeito, o insuflam de coragem para agir e defender quaisquer ideias ou princípios, por vezes irracionais e claramente absurdas, mas que por serem compartilhados coletivamente, dão ao sujeito atomizado um arcabouço ideológico para a defesa de suas ideias. Sigmund Freud demonstra a força das massas sobre a crença dos indivíduos, quando afirma em sua obra *Psicologia das massas e análise do eu*

Ora, quando se fala de psicologia social ou das massas, costuma-se desconsiderar essas relações e isolar como objeto de investigação a influência simultânea exercida sobre o indivíduo por um grande número de pessoas com as quais ele está ligado por um vínculo qualquer, (...) Portanto, a psicologia das massas trata do indivíduo como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição ou como elemento de um grupo de pessoas que, em certo momento e com uma finalidade determinada, se organiza numa massa. (FREUD, 2017, p. 36 e 37).

O indivíduo por sua vez, nunca é completamente desligado das massas, pois esta é a sua condição natural como ser social. Porém, ao deixar-se levar vertiginosamente pelos anseios de determinados grupos sociais, sua individualidade passa a sofrer uma profunda influência de dois elementos psicológicos caros a todo ser humano, a aceitação e a rejeição. O chamamento do fascismo por exemplo, não era apenas o fazer parte de algo e a construção de uma camaradagem recíproca entre os seus membros, mas como nos aponta Paxton (2007), objetivava uma espécie de “revolução da alma”. Na leitura de Fromm (1965), esta perspectiva ganha ares ainda mais psicanalíticos ao colocar o medo do indivíduo em assumir a sua própria liberdade e sua regressão ao estado de submissão ao poder instituído. Em ambas as perspectivas, o processo de conversão aos princípios autoritários, transformaria o sujeito em um partícipe de qualquer plano que o líder estivesse disposto a implementar, fosse ele de mero aspecto estético e cultural, como até mesmo levar a termo o completo extermínio de um povo, como o praticado no holocausto. No último caso, verifica-se concretamente esta anuência nos casos já citados de Albert Speer e Adolf Eichmann. Ademais, retornando a estes dois exemplos de partidários que vieram do povo ou das classes médias, é possível depreender que tantos outros, como nos atesta a história, serviram deste mesmo elo entre os líderes e as massas na construção de tal movimento. Consequentemente, cabe a seguinte reflexão: como o ideal autoritário poderia compor um projeto de controle educacional e quais mecanismos fariam com que tivesse apoio das massas?

Para que possamos compreender um outro aspecto da relação dos indivíduos com as massas e o quanto elas ligam-se aos anseios individuais mais diversos, é preciso perceber que esta relação não se constitui apenas em convencer os indivíduos de uma determinada ideologia. As crenças, assim como são absorvidas, também podem ser abandonadas se não forem constantemente alimentadas com os princípios que lhe dão fundamento. Conscientes do papel indispensável da propaganda, mas também do processo de formação ideológica das massas, os movimentos autoritários sabem que a educação é o instrumento que pode formar continuamente indivíduos envoltos de uma determinada doutrina política.

Sobre o poderoso aspecto formativo que a educação possui, nos comenta o autor Bernard Charlot a partir de um fundamento básico da escola nascido no

contexto da Revolução Francesa e do qual, todos os outros princípios que dela derivam

A educação é política. Esta afirmação, há ainda poucos anos, passava por uma profissão de fé revolucionária e causava certo escândalo. Opunha-se a ela a vocação laica da escola. Era emprestar aos fundadores da escola laica um anseio de neutralidade política que estava longe de ser o seu. [...] No espírito dos fundadores da escola laica, laicidade, não significa portanto, neutralidade. [...] A neutralidade política da escola só se define, portanto, em função de um postulado, ele próprio, político. (CHARLOT, 1983, p. 11 e 12).

Para Charlot (1983), no princípio da escola laica, a laicidade não significa uma neutralidade e apatia política. Conseqüentemente, o postulado de neutralidade da escola esconde a tentativa de imposição do próprio elemento que os conservadores criticam, como é possível refletir no que segue: “A neutralidade política da escola só se define, portanto, em função de um postulado, ele próprio, político” (CHARLOT, 1983, p. 12). Observa-se portanto que, o discurso da suposta neutralidade da educação, em si, já carrega o seu cerne ideológico de negação da discussão crítica, que por sua vez, se consubstancia em ato político conservador. Sendo impossível suplantar o caráter político da escola, ao qual lhe é natural e essencial, visa-se no final das contas dissuadir a crítica e condicionar as interpretações que se coadunem com o objetivo de conformidade a ideologia dominante instituída.

Os movimentos autoritários em geral e os que particularmente se constituem no Brasil, sabem que para iniciar a construção da “revolução da alma” através da homogeneização das ideias e comportamentos, o estrangulamento da liberdade reflexiva é fundamental. A composição de um ideal visa talhar as individualidades críticas e criar elementos de identidade entre os membros de tais movimentos políticos. Em nosso país, esse onda ganha novas conotações e representações, falando-se mesmo em uma suposta “Revolução Conservadora”, que levaria o país a retomar um rumo ideológico alinhado à valores relativos à um deturpado conceito de Deus, uma pátria imaginária e um tradicional e enviesado entendimento de família.

Desta feita, os líderes de movimentos autoritários, nacionais e internacionais, conhecem muito bem o valor do controle sobre as massas para a concretização de suas ideologias. A educação neste processo, soa como um instrumento um tanto óbvio na construção desse ideal político com um todo. Ocorre

porém, que as relações que se dão entre os indivíduos componentes do movimento para que estas ideias vingam, é que farão toda a diferença nos governos de matriz ou inspiração fascista. Os indivíduos se reconhecem e se identificam entre si por suas crenças comuns e o grupo por sua vez, constrói o seu processo de simbiose e identificação com o líder, como nos aponta Freud (2017), Adorno (2015) e Arendt (2012).

O líder como personificação do “eu”

As massas podem construir relacionamentos em comum e por esta razão, elas ligam-se. Entretanto, cada sujeito é uma espécie de incorporação de um todo social e portanto, uma representatividade do líder autoritário. Quando o sujeito passa a concatenar as suas ideias com as do líder e perceber seus pontos de semelhança, temos então a identificação como primeiro ponto chave no processo de simetria e nivelamento das visões de mundo. A partir deste processo, são construídos laços ainda mais estreitos entre aquilo que o sujeito crê como aceitável em sua percepção da realidade e o que é defendido pelo líder. Quando estes dois entendimentos entram em confluência, pautasse no correligionário uma ideologia da qual o sujeito se tem na conta de um possuidor de princípios potestades.

Sendo tal responsabilidade confiada ao indivíduo comum, o adepto por sua vez empodera-se como alguém que foi dotado pelo líder autoritário da incumbência de defender a todo custo, os princípios de um movimento que agora são do próprio assecla. Os dois, o líder e seu adepto, estão em luta encarniçada contra o inimigo comum, interno e/ou externo, que só pode ser derrotado com a imprescindível ajuda de um sujeito que até então, estava esquecido pela sociedade, sem protagonismo ou visibilidade. Envolto de suas convicções mais toscas, vivendo às sombras de alguma viela ou condomínio de luxo de seu país, inibido por não poder dizer o que realmente pensa sobre a sociedade, que ele enxerga como decadente, o sujeito encontra na figura do líder, alguém que potencializa a sua voz, como afirma Mounk (2019).

Assim, o sequaz vê como oportunidade de concretização de seus ideais, a sua completa anuência a um poder externo que representa princípios que ele muitas vezes não ousa defender de forma aberta. Constrói-se a possibilidade de refrigério por parte do simpatizante que verá fruir, embora não diretamente de suas próprias mãos, mas com o mesmo valor simbólico e prático, o poder sobre outras classes e

grupos que o enojam. Conforme Fromm (1965), esta submissão ao poder tem uma tendência sadomasoquista alimentada pela admiração ao poder e a autoridade, levando-a a submeter-se a esta. Entretanto, Adorno colocaria este comportamento de forma mais ativa do que resignada, onde a atuação dos sujeitos se coadunaria ao autoproclamado autoritarismo fascista, calcado justamente na “personalidade autoritária”, já apregoada por Theodor Adorno e que constituiria a base das fundações humanas do fascismo.

Esse apoio demonstra-se cada vez mais inexorável na medida em que o fundamento deste poder torna-se mais pleno e o domínio se faz perceber de forma mais concreta sobre a sociedade. Isso porquê, o seu deleite está justamente no fato dos membros dos movimentos autoritários estarem convictos de possuir um poder que lhes foi imputado pelo líder, a fim de agir contra todos aqueles que representem uma ameaça a nova ordem. Os inimigos devem ser combatidos, expostos, expurgados e/ou denegridos na condição social que representam, sejam comunistas, esquerdistas, artistas e no caso especificamente brasileiro, os professores. Para tanto, é imprescindível que as divisas existentes entre os líderes e as massas sejam simbolicamente estreitadas, como nos aponta Adorno na seguinte passagem

Os típicos líderes fascistas são frequentemente chamados de histéricos. Não importa como chegaram a essa atitude: seu comportamento histérico satisfaz certa função. Embora reflitam os seus ouvintes na maioria dos aspectos, diferem deles em um ponto importante: não conhecem inibições ao se exprimir. Eles atuam de forma vicária por seus ouvintes desarticulados ao fazer e dizer o que os últimos gostariam mas não conseguem ou não se atrevem a tal. Violam os tabus que a sociedade de classe colocou sobre qualquer comportamento expressivo por parte do cidadão normal e realista. (ADORNO, 2015, p. 145).

A colocação de Adorno parece apontar de onde se oriunda o poder assimilado por certos alunos, para enfrentar professores que aproximam-se de uma determinada conduta condenada pelo seu líder. O poder concedido pelo líder, espriasse pela sociedade como sinais claros de combate aos inimigos do movimento, da mesma maneira como boa parte da população da Itália fascista e da Alemanha nazista, haviam sido não apenas coniventes com estes movimentos, mas entusiastas daqueles regimes, como afirma Paxton (2007). Os partidários são conclamados a agir como sátrapas, os verdadeiros olhos e ouvidos do rei. Aqueles que vão ajudar o mentor e líder autoritário a implementar as mudanças necessárias, afastando e

perseguindo todos que possam representar uma ameaça à concretização dos planos de governo.

No âmbito da educação, os sectários presentes nas instituições escolares, ganharam a oportunidade de lutar por uma causa, sendo transformados em partícipes de um grande movimento no qual sentem-se construtores e, por sua vez, convencidos de seu papel precioso de agentes da mudança, convencendo-se não da necessidade de pensar, mas agir. Sua tendência personalista autoritária, ganhou ares de personificação. Se o líder incumbiu-lhe de tal poder, se lhe foi confiado tal tarefa, ele não podia ser um mero espectador dos acontecimentos e dos fatos. Era necessário estar ao seu lado, servir-lhe de escudo, multiplicador de seus princípios e membro de seu exército. Vislumbrava-se alguém com poder e no poder, que os avalizava para defender os princípios autoritários, não se envergonhar deles e dar combate a qualquer um, inclusive aos próprios professores, que se atrevessem a levantar questões contrárias ao movimento.

Pensando que este espírito autoritário invada o espaço social da própria escola, parece plausível corroborar com a ideia adorniana quando assertivamente ele volta à questão da sobrevivência do fascismo em sua obra *Aspectos do novo radicalismo de direita*, quando nos afirma que “os pressupostos sociais do fascismo ainda perduram. [...] apesar de seu colapso, ainda perduram socialmente, mesmo se não perduram de forma imediatamente política” (ADORNO, 2020, p. 45). Theodor Adorno alerta para o risco de subestimação desses movimentos ao refletir que “Não se deve subestimar estes movimentos devido a seu baixo nível intelectual e devido a sua ausência de teoria” (Ibid., p. 54). Consequentemente, dentro do próprio ambiente escolar, é possível ser construído bastiões de vigilância conservadora, pois como já citado pelo filósofo, os movimentos de caráter autoritário não precisam valer-se de princípios racionais para abalar as estruturas do ambiente educacional. Segundo Wolfgang Leo Maar, a perspectiva adorniana concebe o sujeito “como resultado de uma interação com a realidade social. Ou seja, sobretudo como educação política” (MAAR, 1995), sendo a transformação na educação possível por meio da crítica da sociedade, uma atitude política, não admira que as tentativas de controle da educação persigam estes mesmos meios também.

Porém, para atingir esse controle conservador, é necessário que o estágio da personalidade transmute-se em personificação. O sujeito autoritário não apenas

concorda com o líder igualmente autoritário, mas é também a personificação dele em seus gestos, expressões, ideias, palavras, comportamentos, enfim, na reordenação espelhada de sua personalidade que agora se engendra de forma claramente autoritária em seu próprio cotidiano, inclusive escolar. Este segundo espectro de comprometimento, ficaria reservado aos indivíduos mais tenazes e que transporiam do nível de concordância complacente, para o de atitude militante. Apesar desta concepção, é importante ressaltar que os estudos mais aprofundados acerca destes fenômenos, asseguram que o elemento fundante da proximidade do indivíduo com estas ideologias, não estão somente nos fatores isolados e particularistas. Entretanto, é indubitável que existam correlações claras de determinados vetores sociais e que eles podem ser estudados e analisados, em particular ou em conjunto, na busca de compreender o processo de influência formadora da personalidade autoritária e a sua consequente personificação no sujeito. Quanto a concepção da receptividade às ideias autoritárias, nos aponta Adorno

A preocupação maior foi com o sujeito *potencialmente fascista*, aquele cuja estrutura é tal que o torna particularmente suscetível à propaganda antidemocrática. Dizemos, 'potencialmente' porque não estudamos indivíduos que eram declaradamente fascistas ou que pertenciam a organizações fascistas conhecidas. No momento em que a maior parte dos nossos dados foi coletada, o fascismo havia acabado de ser derrotado em guerra e, portanto, não esperávamos encontrar sujeitos que se identificassem abertamente com ele; ainda assim, não foi difícil encontrar sujeitos cujo perfil era tal que indicava que eles prontamente aceitariam o fascismo se este se tornasse um movimento social forte e respeitável (ADORNO, 2019, p. 72, grifo do autor).

Pelo objeto de estudo de Adorno, é possível perceber que, de alguma maneira, o fascismo ainda existia como força pujante na sociedade do pós-guerra. Nossa atenção direciona-se ao fato de que, a disponibilidade das pessoas em aderir a um movimento de caráter autoritário, é mais presente do que se pensava até então, apesar dos exemplos demonstrado de forma tão trágica pela história. Entretanto, como também nos aponta o estudo em questão, para uns, a derrota do nazifascismo demonstrou uma grande e dolorosa lição, para outros, representou a nostalgia por um regime que havia sonhado com a edificação de uma sociedade melhor, e que encontra espaço e reverbera até hoje sob novas facetas (PAXTON, 2007).

Ademais, referimo-nos a indivíduos que demonstram não apenas a sua predisposição personalista em integrar as fileiras de tal movimento, mas se encontram em plenas condições de aliar-se e identificar-se com qualquer líder que venha a

defender abertamente e sem atavios, os princípios que em geral ele próprio já professa, muitas vezes em discrição. Este sujeito autoritário carrega consigo a necessidade narcísica de transpor para o mundo, as suas convicções e sua visão de mundo. Sobre o caráter narcísico, Theodor Adorno considera que o conceito de *identificação* em freudiano, demonstra “mais uma vez, corresponde à semelhança da imagem do líder com o engrandecimento do sujeito: ao fazer do líder seu ideal, ele ama a si mesmo” (ADORNO, 2015, p. 169) e também ao afirmar, “Na psicanálise, narcisismo significa investimento libidinal no próprio eu, em vez do amor a outros seres humanos” (ibid., p. 195). Esta análise destoa de uma visão segundo a qual, a aceitação do autoritarismo como tal e a submissão do sujeito a tal regime, seria o voltar-se para o *isso* em detrimento exclusivamente do *eu*. Notadamente, o caráter fulgurante do processo de liderança nos regimes autoritários, faz do movimento algo e fato *sui generis*.

Na visão do filósofo Vladimir Safatle, as perspectivas racionais, que em si, sempre se demonstraram em aspectos bastante limitados no que tange à política, tomam corpo de forma ainda mais evidente pelo “circuito dos afetos”. Para Safatle (2016) os embates concernentes as diferenciações políticas em suas respectivas visões de mundo, consolidam a construção de uma leitura que não se volta para o entendimento das contradições do real e sim, da imposição de uma percepção completamente ideológica e enviesada da realidade. O esvaziamento de sentido nas discussões de caráter político, é propositalmente distorcido para que se procure sobrepor-se ao adversário e errota-lo em discursão, não importando a veracidade dos fatos ou a validade dos argumentos. Os afetos se sobrepõem aos fatos científicos e aos argumentos racionais, auxiliando na solidificação de um comportamento narcisista do sujeito autoritário, haja vista a busca incessante em diminuir o outro como objetivo principal.

Sendo assim, a sujeição ao líder dá-se para além do sentido de uma submissão absoluta e incontestada, como poderíamos ser levados a crer, mas que em sua sombra de servilismo, há o sopro da autoconstrução de um poder individual alimentado pelo pertencimento ao grupo. Daí depreendemos que, para além do aspecto constituinte de pertencimento à massa, há o desejo narcísico de vangloriar-se por sentir-se melhor e superior aos outros da sociedade que são indiferentes ou contrários ao movimento autoritário em questão. Conseqüentemente, tanto os

impulsos autoritários quanto narcísicos, estão imbuídos de um mesmo estratagema do “circuito dos afetos”. Quanto a isto, nos fala Vladimir Safatle na seguinte passagem

[...] a própria noção de ‘afeto’ é indissociável de uma dinâmica de imbricação que descreve a alteração produzida por algo que parece vir d exterior e que nem sempre é constituído como objeto da consciência representacional. Por isso, ela é a base para a compreensão tanto das formas de *instauração sensível da vida psíquica* quanto da natureza social de tal instauração. Fato que nos mostra como, desde a origem: ‘o *socius* está presente no Eu’. Ser afetado é instaurar a vida psíquica através da forma mais elementar de sociabilidade que passa pela *aiethesis* e que, em sua dimensão mais importante, constrói vínculos inconscientes (SAFATLE, 2016, p. 38, grifos do autor)

Desta maneira, sendo a ótica autoritária mobilizada pelos afetos, faz-se necessário não apenas compreender a construção narcísica do *eu* na ambivalência entre os indivíduos e seus líderes, mas na forma como lhe dar com tal construção social de submissão e transmutação em espelho personificado do líder. Em vista não apenas da análise, mas sobretudo do agir contra as estratégias autoritárias, seria profícuo perceber que se faz necessário ações dentro do mesmo circuito dos afetos, o que denotaria uma mudança na percepção da maneira como os embates políticos se dão e o como eles podem ser tratados na dinâmica da realidade, como nos apresenta o autor

Tal capacidade instauradora da afecção tem como consequências políticas maiores. Pois tanto a superação dos conflitos psíquicos quanto a possibilidade de experiências políticas de emancipação pedem a consolidação de um impulso em direção a mutação dos afetos, impulso em direção a capacidade de ser afetado de outra forma. Nossa sujeição é afetivamente construída, ela é afetivamente perpetuada e só poderá ser superada afetivamente, a partir da produção e uma outra *aiethesis*. O que nos leva a dizer que a política é, em sua determinação essencial, um modo de produção de circuito de afetos, da mesma forma como a clínica, em especial em sua matriz freudiana, procura ser dispositivo de desativação de modos de afecção que sustentam a perpetuação de configurações determinadas de vínculos sociais (SAFATLE, 2016, p. 38 e 39, grifos do autor)

Levando em consideração esta assertiva, podemos refletir que a construção da personificação autoritária passa necessariamente pelos circuitos dos afetos, que por sua vez, preenchidas de uma natureza intensamente emotiva, nos fomenta a uma discussão ainda mais profunda acerca do caráter racional e irracional dos movimentos autoritários. Nesse ensejo, torna-se evidente que o viés narcisista da personificação autoritária, consoante a ligação prévia por meio da identidade com o

líder, antes de mais nada, reflete a base psicanalítica do *isso* para com o *eu*, sendo esta ligação, inevitavelmente também de caráter emotivo.

Mediante o que já fora analisado até aqui, depreende-se que a mobilização dos movimentos autoritários necessitam, assim como os movimentos políticos e religiosos de uma maneira em geral, atingir o ego dos indivíduos para que haja ação em defesa de certos princípios. Porém, esta mobilização dá-se quando primeiramente existe uma “predisposição” de certos indivíduos ao chamado autoritário. Importante salientar que, quando referimo-nos à predisposições autoritárias, no entendimento de Adorno (2019), levamos em consideração as predisposições psicológicas e as inclinações políticas que cada indivíduo carrega consigo, aliadas as circunstâncias políticas às quais ele será exposto e inevitavelmente inserido em seu contexto social, que lhe é natural e inseparável (FREUD, 2017; LE BOM, 2018; MARCUSE, 1968). A civilização por sua vez, parece conter na citada “predisposição” a semente de um progresso que na realidade se consubstancia no que corrobora Herbert Marcuse ao dizer que “A dominação e o aumento do poder e da produtividade prosseguem através da destruição, para além da necessidade racional” (MARCUSE, 1968, p. 105).

Se por acaso as circunstâncias políticas de um determinado país forem favoráveis à propaganda fascista, mas um certo indivíduo em questão não possuir um viés de conformidade com a violência, mesmo que apenas em nível de concordância ideológica, é pouco provável que essa pessoa seja convencida de tal projeto e, conseqüentemente, compactue ou contribua com o regime. Por outro lado, um indivíduo que detenha, senão todos, mas o suficiente dos traços apresentados por Adorno (2015) que caracterizam a personalidade autoritária, é muito mais preeminente que a sua capacidade de identificação com o líder e personificação das ideias autoritárias, brotem com maior velocidade e vigor.

Na perspectiva de Theodor Adorno, os traços que comporiam a personalidade autoritária, estariam fundamentados nos seguintes elementos gerais dos sujeitos sociais, “convencionalismo, submissão à autoridade, agressividade, anti-intelectualismo, antissentimentalismo, superstição e estereotipia, preocupação com poder e força, destrutividade e cinismo, projeção e preocupação exagerada com sexo” (Adorno, 2015, p. 31). Estes elementos de longe determinam se alguém comporá um movimento autoritário em sua integralidade. Entretanto, o que possivelmente o estudo de Adorno defende, é que os indivíduos que se demonstram dispostos a apoiar tais

movimentos, carregam esses mesmos traços de personalidade. Ou seja, os traços de personalidade que conseqüentemente compõem o 'eu' como sujeito propenso à ação na sociedade, não está preso a um simples elemento gregário do comportamento humano, como delineado por Le Bon e já criticado pelo próprio Freud em *psicologia das massas e análise do eu*.

Ainda que determinados traços de personalidade não sejam os indicativos fulgurantes que direcionem obrigatoriamente o agir dos indivíduos, é certo que este agir, conta com a sistematização ideológica em torno de si e das próprias crenças, junto aos traços de personalidade que lhe são próprios. Esses traços não anulam as potencialidades da personalidade autoritária investigadas por Theodor Adorno, como afirma ele ao refletir que "O que as pessoas dizem e, em menor grau, o que realmente pensam depende em larga medida do clima de opinião no qual elas vivem" (ADORNO, 2019, p. 76). Sendo assim, estariam espalhados pela sociedade um número nada desprezível de pessoas que seriam suscetíveis ao ideal autoritário, se assim as condições sociais, políticas, econômicas, etc, entrassem em sintonia com o que o autor chama de "uma questão de potencialidades", em torno do indivíduo. Os fatores e variáveis que fomentam a arregimentação do sujeito, ligam-se a outros pontos relacionados ao papel da propaganda massiva impetrada por estes movimentos, mas quanto a esta variante específica, abordaremos mais adiante em nosso estudo.

Apresenta-se então, os ingredientes básicos que transformaram a política mundial e do Brasil, numa verdadeira polifonia de narrativas e discursos em conflito. A perspectiva dos afetos, que nos dizeres de Safatle (2016) ligam-se inevitavelmente a uma nova concepção de sujeito do sistema produtivo no capitalismo atual, leva este mesmo sujeito a um novo patamar de relação com a realidade. A realidade já há muito, não é objeto de racionalização e objetividade honesta, se é que foi um dia. Qualquer colóquio, por mais óbvio que seja, é passível de toda e qualquer tipo de relativização estapafúrdia, pois como também nos afirma Safatle ao falar da *razão cínica* de Sloterdijk que

Ou seja, se há uma razão cínica é porque o cinismo vê a si mesmo como uma figura da racionalidade. Para o cínico, não é apenas racional ser cínico, só é *possível ser racional sendo cínico*. E, enquanto processo de racionalização, o cinismo pode aparecer como posição discursiva em várias esferas da vida social (e não apenas no campo dos julgamentos morais). (SAFATLE, 2008, p. 13)

Não podemos perder de vista que o diapasão relacionado entre o líder e as massas, centra-se no fato da manutenção do máximo de identidade possível. É necessário que do líder para com as massas e destas para com o líder, mantenha-se o máximo de coerência em relação as suas mútuas identificações. Entretanto, é sói acontecer que em vários momentos, as atitudes do líder não se coadunem com as dos asseclas e vice-versa, sendo necessário assim, mecanismos que aplaquem as dissonâncias. Nesse contexto, entra o mais puro cinismo no âmbito da política, onde tudo e qualquer coisa, toda e qualquer circunstância, da corrupção ao extermínio de um povo, pode ser justificado para que o “eu” continue a fazer sentido para o “outro” e o sujeito continue a sentir-se parte do grupo e uma extensão coerente do líder. Ademais, se existe um espelhamento sendo o *eu* como líder, e o líder sendo o *eu*, se ele erra e eu admito esta possibilidade, então o *eu* também pode estar errado. Admitir estar errado, é dar espaço ao outro para a relativização da verdade hipostasiada pelo movimento, então, tudo é válido, inclusive o cinismo absurdo como fuga da contradição.

Considerações finais

A pesquisa em questão possibilita-nos pensar elementos que contribuem para a compreensão do pensamento e do comportamento das massas, possibilitando o entendimento de que não apenas as circunstâncias materiais contribuem para a arregimentação das massas, mas a também os aspectos psicanalíticos em seu conjunto. Os valores, ideias, princípios, temores, anseios, etc, contribuem para solidificar uma ideologia que, agindo de forma coletiva, ganha um poder e amplitude impressionantes na sociedade. Sendo este poder direcionado por um líder que saiba entrar em simbiose ideológica com as massas, constitui-se como força poderosa capaz de realizar os feitos mais edificantes, como também destrutivos aos princípios de liberdade e democracia.

A abordagem psicanalítica deste tema fornece uma leitura ampla do aspecto mobilizador das massas, mudando o eixo mobilizador principal de categorias materiais como a economia, transfigurando-se para um campo relacionado à contribuição que a comunicação e a propaganda teriam no fomento dos valores mais retrógrados dos indivíduos médios da sociedade. Sujeitos estes que, assim como no nazismo e tantos outros sistemas autoritários, anularam por completo a sua

capacidade de reflexão crítica em nome da obediência cega a um líder que emitia-lhes ideias inteligíveis que misturavam-se as suas convicções conservadoras e autoritárias.

Assim como o campo de construção ideológica dos movimentos autoritários se dão no espectro da psicologia das massas, deveras o combate aos movimentos conservadores e autoritários devem dar-se nas estratégias traçadas dentro deste universo de compreensão coletiva dos movimentos abordados. Seria inócuo combater organizações de caráter fascista, utilizando-se de arcabouços que não atinjam de maneira igualmente eficiente, o aspecto mental destes indivíduos. Daí decorre a dificuldade que muitos setores progressistas atuais tiveram em dar combate a tais movimentos, dada a dificuldade de compreenderem as ferramentas de caráter propagandístico que eles utilizavam para direcionar-se as massas. Desse modo, perderam-se no propósito de como desconstruir conceitos utilizados para impingir falsas narrativas a certas instituições como as escolas e universidades.

As estratégias utilizadas pelos movimentos de caráter fascista lograram muito êxito. Seus asseclas fanatizados pelas narrativas divulgadas pelos líderes, conseguiram criar e divulgar de forma massiva as narrativas que tinham por objetivo principal, apresentar uma falsa ideia daquilo que eles pretendiam destruir. Contando então com grupos organizados que valiam-se dos meios digitais para difundir as suas ideias, construíram um exército de indivíduos fanatizados e incapazes de valer-se do próprio discernimento.

Esta parcela das massas são aqueles que os líderes autoritários sabem que precisam apenas que a informação chegue até elas de modo adequado e sistemático para convertê-los. São os sujeitos médios que já estão dentro de uma redoma de valores voltados à violência, à percepção da realidade voltada ao senso comum e dispostos a seguir ordenamentos que os molde como instrumentos de massas. Portanto, é possível compreender que a formação dos movimentos autoritários são compostos pelos elementos externos e materiais, além dos psicológicos que os justificam de forma coletiva, pela força que o coletivo pode exercer sobre o indivíduo atomizado, contribuindo assim no processo de conexão de suas convicções particulares, com as do grupo.

Referências

ABRANCHES, Sérgio (et. al.). **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor. **Ensaio Sobre a Psicologia Social e Psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2015.

ADORNO, Theodor. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Unesp, 2019.

ADORNO, Theodor. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Unesp, 2020.

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2ª ed, 1983.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Rio de Janeiro: L&PM, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da cultura**. Rio de Janeiro: L&PM, 2017.

FROMM, Erich. **O medo à liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 4ª ed, 1965.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão popular, 2ª ed, 2009.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 3ª ed, 2018.

LINZ, Juan; STEPAN, Alfred. **“Toward Consolidated Democracies”, Journal of Democracy**, v. 27, n. 2, 1996, pp. 14 - 33.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

MAAR, Wolfgang Leo. **À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa**. In: ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. 1. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1995.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2000.

REICH, Wilhelm. **Psicologia das massas do fascismo**. São Paulo: Martins fontes, 2001.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo editorial, 1º ed. 2008.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2º ed. 2016.

SILVA JUNIOR, João dos Reis; SGUISSARDI, Valdemar. **Novas faces da educação superior no Brasil: reforma do Estado e mudança na produção**. Bragança Paulista: Edusf, 1999.

Recebimento: 11/02/2022

Aprovação: 12/06/2022



Q.Code

Editores-Responsáveis

[Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto](#), Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

[Dr. Sebastien Pesce](#), Universidade de Orléans, França